

MANIFESTO ONIGÂMICO

Mauri Cruz PREVIDE*

BARTOLOMEU, M. **Manifesto onigâmico**. Rio de Janeiro: Torre, 2011.

Publicado em 2011 por Mauro Bartolomeu, poeta bissexto e autor da prosa “experimental” *Nossa senhora da eutanásia*, o conto *Manifesto onigâmico* poderia ser, numa análise apressada, incluído no gênero “ficção científica”. De fato, trata-se de uma narrativa cujo pano de fundo é um encontro entre um ser humano e um alienígena misterioso, tema típico desse gênero literário, além de lançar mão de um amplo uso de conceitos científicos, em especial da biologia. Mas uma análise mais detida nos faria questionar essa classificação. Seria mais apropriado, a nosso ver, ligá-la à tradição dos diálogos filosóficos, pois, bem observado, a narrativa não é mais que um pretexto para uma discussão sobre economia sexual e a proposição de um novo modelo de organização social, na trilha aberta pela *Utopia* (1516), de Thomas More, e que desemboca em obras como *Admirável mundo novo* (1932), de Aldous Huxley (que já tivemos oportunidade de examinar em outro artigo, em parceria com o autor de que tratamos nesta resenha). Ao contrário do inglês, porém, a reforma social proposta é aqui mostrada como desejável, uma vez que conduziria a uma distribuição mais racional dos recursos e a uma realização plena do ideal humano, tendo como ponto de partida uma planificação dos encontros amorosos (e, como também em Huxley, a extinção da monogamia e da família nuclear).

Cabe observar, em corroboração à nossa interpretação, que a narrativa, embora ocupe o cerne da obra, não constitui a sua totalidade. O livro começa por um prefácio em tom panfletário (sintomaticamente datado do “ano III da Olimpíada XXIX”, o que aponta para o nível de rejeição dos valores da sociedade atual, uma vez que recusa até mesmo seu calendário centrado na figura mítica do cristo, indo buscar na Antiguidade clássica uma forma alternativa de datação); depois segue para uma introdução em forma de paródia do *Manifesto do Partido Comunista* de 1848. “Um fantasma ronda o planeta: o fantasma da onigamia”, diz a primeira frase da introdução, que termina, porém, marcando, em negrito, sua posição de afastamento em relação ao texto clássico de Marx e Engels: “A onigamia não propõe o ‘fim da história’, mas o início de uma nova história”. Também ao final do volume

* UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901. mauricrusz@yahoo.com.br

deparamos com outros gêneros textuais: primeiro, um posfácio teórico constituído por várias observações, aparentemente soltas, mas que dão pistas valiosas para a compreensão das origens da tese central do autor; em seguida, uma “palavra final” na qual, de forma quase epistolar, o autor se dirige diretamente aos leitores; e por fim, um “glossário” dos neologismos empregados na narrativa, recheado de comentários bem-humorados, como, de resto, todo o livro. A própria seção narrativa é, como dissemos, essencialmente um diálogo, praticamente inexistindo uma diegese propriamente dita, além de contar com inúmeras notas de rodapé que quase nos fazem esquecer de que estamos lendo um texto ficcional. Essa profusão de gêneros dificulta a classificação da obra, mas é uma das características que a tornam, no mínimo, curiosa.

A tese central do *Manifesto*, como ficou dito, é a da extinção do casamento monogâmico e da exclusividade sexual, em nome de uma “economia sexual” que preconiza a plena igualdade na “distribuição” de sexo. Para tanto, o autor se posiciona, ao contrário do que se poderia esperar, contrariamente à “promiscuidade” e ao “amor livre”, e propõe um sistema que consiste em regulamentar os “encontros amorosos” por meio de uma instituição pública que chama de “Loteria” (referência, que o autor não faz questão de camuflar, ao Borges de *A loteria em Babilônia*). A partir da pretensa superioridade desse sistema em relação às demais formas de organização sexual, o protagonista alienígena tece considerações polêmicas e discutíveis sobre o comportamento humano, roçando, sempre rapidamente, temas como o incesto, a pedofilia, o estupro, as doenças venéreas, bem como a desigualdade social, a explosão demográfica, o consumismo etc. Chamar de “discutíveis” tais posicionamentos não implica, no caso, um juízo negativo, mas sim ressaltar o que consideramos o ponto mais positivo da obra, tal seja o de estimular a discussão de questões que geralmente passam ao largo mesmo das teorias sociológicas mais revolucionárias. No mais, a obra nos parece digna de figurar entre as nossas belas-letas, pela sua elegância de estilo, e, a despeito dos temas espinhosos em que o autor não tem medo de tocar, garante uma boa dose de bom humor, que haverá de dar azo a lautas risadas.

Recebido em 30/12/2012

Aceito para publicação em 10/06/2013

